

## Sebald: o viajante da pós-memória

João Barrento

A minha memória do nome, e da leitura de textos seus, recua até princípios dos anos setenta, altura em que devo ter lido a sua dissertação sobre o dramaturgo expressionista Carl Sternheim, saída em 1969. Na capa desse primeiro livro vem ainda o nome (quase) completo e, para o futuro romancista, “demasiado alemão” – Winfried Georg Sebald –, que o ficcionista reduziria depois a W. G. Sebald, e os amigos, a Max. Mais tarde, o nome reapareceria em alguns livros de ensaios sobre autores austríacos. Pela ficção teríamos de esperar mais alguns anos: o seu primeiro livro de histórias, *Schwindel. Gefühle* (*Vertigem. Sentimentos*) é publicado apenas em 1990.

Trata-se de um caso no mínimo singular no actual panorama literário, revelação tardia que, no entanto, a partir de meados da década de noventa, será descoberta e traduzida em vários países europeus e nos Estados Unidos. Não se poderia conceber maior distância, no universo e nas linguagens dos ficcionistas contemporâneos de expressão alemã, do que aquela que separa o mundo corriqueiro, narcisista, desmemoriado dos novíssimos, ou também carregado de lastro moralista nos cronistas do trauma alemão do pós-guerra, do trabalho oblíquo sobre a memória pessoal e histórica nos livros híbridos de W. G. Sebald, em que o ficcional se cruza com o biográfico e o documental, com fotos sem legendas semeadas pelo meio do texto, prolongando-o e visualizando testemunhos que a linguagem não pode dar (e que são mais pedras de um texto ficcional paralelo do que documentos, visões fragmentárias e vestígios de uma memória que nem a ficção nem a história recentes integraram). Se a isto se acrescentar um sentido muito particular da paisagem urbana e arquitectónica como ingrediente testemunhal insólito, o gosto do pormenor e da observação das coisas que são “o livro da história aberto diante dos nossos olhos”, as sequências e digressões escritas com um sentido apuradíssimo do estilo – faremos uma ideia do tom envolvente e algo “démodé” desta escrita, que vai de par com uma certa melancolia (indispensável, segundo o autor, à boa literatura), por detrás da qual se perfila a visão de uma Europa perdida, perigosamente enredada numa “tragédia do esquecimento” semelhante à do protagonista de *Austerlitz*, o primeiro livro de Sebald em Portugal. Entendem-se, a esta luz, as sucessivas comparações que a crítica foi fazendo, com Borges e Calvino, com Kafka e Nabokov, ou, no que toca à subtileza das vozes narrativas, com Proust e Henry James. Mas também se poderia dizer que a prosa de Sebald, para além dos paralelos que possa apresentar com todos esses seus pares na escrita do século XX, é mais do que isso: tem uma capacidade muito sua de cativar o leitor, uma originalidade inconfundível, uma fluência de prosa não pensada, mas meticulosa, uma série de traços que são próprios de um narrador nato. Talvez isso

se explique com o que o próprio Sebald, num dos seus livros (*O caminhante solitário*), atribui à prosa de um autor esquecido do século XIX alemão, Johann Peter Hebel: “a língua apura-se, e quase sentimos o contista pôr-nos a mão no braço”. É isso que também distingue Sebald: proximidade e cumplicidade com o leitor. Por isso ele é leitura para o momento de leitura, satisfaz assim: nem precisamos de a levar connosco para outros lugares, nem também de a “interpretar”. Aqui, a própria leitura é acontecimento, basta-se a si mesma.

Naturalmente que W. G. Sebald constrói também, à sua maneira, grandes edifícios ou ciclos ficcionais. *Austerlitz* é o mais romanesco dos atípicos “romances” de Sebald, e surge (em 2001, no original) na sequência de dois outros livros com os quais constitui uma clara unidade (*Os emigrantes*, de 1992, e *Os anéis de Saturno*, de 1995), uma paisagem da memória que põe à vista, num “relato” (o subtítulo do romance no original) torrencial e sem parágrafos, “os vestígios dolorosos da história”. No entanto, se pensarmos no que foi a revisitação romanesca da história alemã e europeia desde o nazismo durante várias décadas, concluiremos facilmente que o processo criativo dos livros de W. G. Sebald, com as suas práticas intertextuais e reflexivas, está muito mais próximo daquilo a que já se chamou “pós-memória” (Pierre Nora), ou seja a memória indirecta e fragmentária de uma segunda e terceira gerações cuja relação com objectos como o holocausto passa mais pela via criativa e pelo investimento imaginativo do que pela experiência. A obra de Sebald situa-se, por isso, no reverso dos debates e das manifestações comemorativas da “memória cultural” em curso desde há algum tempo, explorando o caminho, mais especificamente literário e transfigurado pela memória pessoal, da nomeação e do testemunho daquilo que normalmente passa ao lado das reconstituições históricas e dos grandes frescos romanescos.

A memória é, sem dúvida, a espinha dorsal da literatura para Sebald. Mas essa memória é sempre uma memória indirecta e particular, que passa por lugares, imagens, vivências e linguagens que, ainda que convocados por uma poética que tenta a síntese entre a memória e o arquivo, se revelam sempre insuficientes e inacabados – e por isso literariamente mais convincentes. A busca de uma origem e a experiência da emigração evidenciam a complexidade da relação entre memória e linguagem, e mostram que a possibilidade de transmissão do testemunho nasce da consciência da quase impossibilidade do discurso, como evidenciam os casos afins de Agamben, Jean Améry ou Primo Levi.

O órgão privilegiado deste tema central parece ser desde sempre, na obra de W. G. Sebald, o olhar, como mostra o livro, publicado postumamente, *Unerzählt* (*Por contar*, de 2003, ainda não traduzido para português), uma série de pequenos poemas epigramáticos que mais parecem epitáfios, acompanhados de gravuras de um amigo de infância, o pintor Jan Peter Tripp, e que reproduzem, com um verismo impressionante, exclusivamente pares de olhos de figuras conhecidas e menos conhecidas, vivas e mortas (entre outros, Javier Marías, Francis Bacon, Borges, Beckett, Proust, Rembrandt, André Masson, o próprio Sebald, a sua mulher Anna e o cão Maurice). Esses olhos fixam-se, com os breves textos, no que restou da História, nas suas margens, como os olhos dos animais nocturnos no “Nocturama” de Antuérpia, aonde o narrador vai dar no início de *Austerlitz*. Também as fotografias inseridas neste lugar do romance mostram apenas olhos, de um mocho e uma coruja, de Wittgenstein e do pintor J. P. Tripp. No romance diz-se desses bichos da noite (num diagnóstico negro do mundo actual) que têm “olhos anormalmente grandes e esse olhar fixo, inquiridor, que se encontra em determinados pintores e filósofos que, com recurso à pura observação e ao puro pensamento,

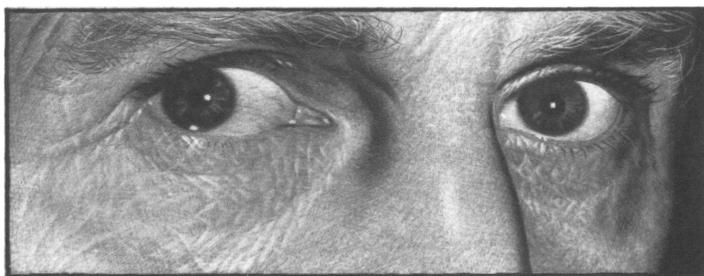
procuram penetrar nas trevas que nos cercam.” O mundo vai-se esvaziando, porque, lemos noutra página, “as histórias que as coisas trazem consigo nunca são ouvidas, registadas ou contadas por ninguém” (o penúltimo epigrama de *Unerzählt* diz: “Por contar// fica a história/ dos rostos que/ desviam o olhar”). Os livros de Sebald são também relatos sobre esta perda da capacidade de ver para além da superfície dos lugares e do tempo, e o romancista-fotógrafo, grande caminhante e observador nos baldios da pós-memória, procura suprir essa lacuna olhando e descrevendo minuciosamente as coisas, as de aqui e agora e as do passado, para que se levante o edifício de uma outra memória. Nisso, segue as pisadas de um outro cultor da minúcia, o suíço Robert Walser, que considera seu “avô”. A diferença está na direcção dos olhares. Enquanto Walser olhava para o grande vazio do futuro, que preenchia com as suas intermináveis caligrafias micrológicas, Sebald lança olhares de viés para um passado que é tanto seu como nosso, privilegiando os atalhos laterais da grande estrada da história, que não vão dar a lugar nenhum. Mas a literatura sempre meteu pelos becos sem saída da história. E quando esta os não quer dar a ver, ela inventa-os.

---

## ALGUMAS IMAGENS E TEXTOS DE UNERZÄHLT / POR CONTAR, de W. G. Sebald

(Munique: Hanser Verlag, 2003. Imagens de: Jan Peter Tripp. Tradução de João Barrento. )

### 1. Jan Peter Tripp



Wenn die Blitze

herabfahren sah  
man die tief  
gefalteten Berge  
& immerzu rauschte  
der Regen ins Tal

Quando os relâmpagos

caíam viam-se  
as montanhas e  
os seus fundos sulcos  
& a chuva não parava  
de encher de ecos o vale

## 2. Maurice/Morris



Sende mir bitte

den braunen Mantel  
aus dem Rheingau  
in welchem ich vormals  
meine Nachtwandlungen machte

Manda-me por favor

o casaco castanho  
de Rheingau  
aquele que antigamente vestia  
para as minhas caminhadas nocturnas

## 3. Jorge Luis Borges



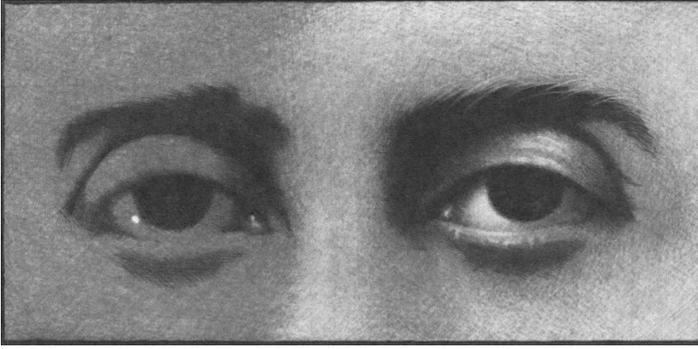
My eye

begins to be obscured  
bemerkte Joshua Reynolds  
am Vorabend des Sturms  
auf die Bastille

My eye

begins to be obscured  
observou Joshua Reynolds  
na véspera da tomada  
da Bastilha

#### 4. Marcel Proust



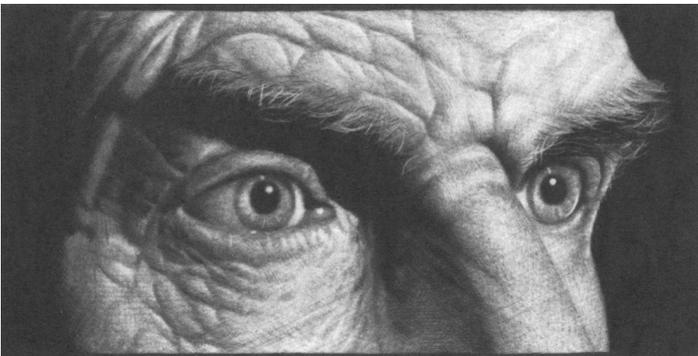
Aber die Zeit

dieweil die  
Finsternis ist  
die Zeit siehet  
man nicht

Mas o tempo

enquanto durarem  
as trevas  
o tempo  
não se vê

#### 5. Samuel Beckett



Er wird Dich

bedecken mit  
seinem Gefieder  
&  
unter seinem  
Flügel dann  
ruhest Du aus

Ele vai

cobrir-te com  
as suas penas  
&  
sob as suas  
asas depois  
repousarás

6. Anna Sebald



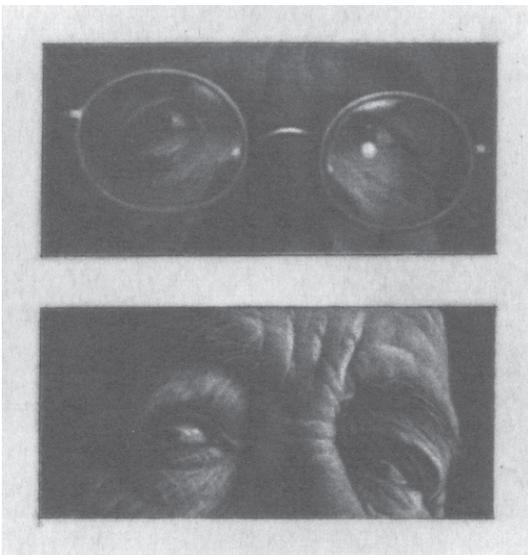
Unerzählt

bleibt die Geschichte  
der abgewandten  
Gesichter

Por contar

fica a história  
dos rostos que  
desviam o olhar

7. W. G. Sebald



Zuletzt

werden bloß soviel  
überbleiben als  
herumsitzen können  
um eine Trommel

Por fim

só sobreviverão  
aqueles que  
couberem sentados  
à volta de um tambor



Este é o Caderno de Leituras n. 11.  
Outras publicações estão disponíveis  
no site das Edições Chão da Feira.  
[www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)